

O Problema da Linguagem Religiosa (3)

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Fortes convicções como tal são não-cognitivas?

Muitos escritores subseqüentes,² que têm refletido sobre a crítica de Flew da significabilidade do discurso religioso, têm observado de uma forma ou outra que ele falhou em distinguir adequadamente entre: (a) uma *proposição* logicamente resistindo à falsificação e (b) a *pessoa* que crê nessa proposição, resistindo psicologicamente à sua falsificação.

Uma proposição ou alegação lingüística que é *logicamente* compatível com todo e qualquer estado de coisas poderia, de fato, ser dita resistir à falsificação; como Flew propriamente observou, em teoria nada poderia então concebivelmente contradizer a proposição. Ela deveria ser julgada como sendo vazia. Mas uma pessoa pode resistir a ser *persuadida* que sua crença foi falsificada por contra-evidência, *mesmo quando* a proposição na qual crê contradiz (rejeita) logicamente certos estados de coisas. Ele deveria ser simplesmente julgado como obstinado.

Flew confundiu uma característica do comportamento humano (defender diligentemente as suas crenças) com uma característica conceitual de algumas expressões lingüísticas (nunca precisando logicamente de uma defesa). E ao fazê-lo, ele aparentemente não notou que sua polêmica contra o discurso “religioso” era de fato uma polêmica contra todo discurso “comprometido” – as expressões e respostas lingüísticas de pessoas que mantêm certas crenças dogmaticamente.

Se pensarmos sobre isso por um momento, ficará óbvio que as pessoas podem e de fato possuem fortes convicções sobre várias coisas, não simplesmente assuntos religiosos (limitadamente entendidos). Às vezes crenças sobre eventos históricos são fervorosamente propostas e defendidas (por exemplo, que Lee Harvey Oswald não agiu sozinho ao assassinar o presidente Kennedy). Algumas vezes crenças sobre questões científicas são zelosamente defendidas (por exemplo, que implante de silicone no seio não causa câncer, etc.). Quase todo tipo de crença pode ser sustentada tenazmente e defendida por muito tempo – desde a automecânica até a honra da família. Dizer que as pessoas mantêm suas convicções “fortemente” significa, em

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

² Ver http://www.monergismo.com/textos/apologetica/problema-linguagem-religiosa-parte2_bahnsen.pdf

parte, precisamente que elas *resistem* a ter essas convicções refutadas. Isso implica que a convicção deve ser não-cognitiva?

Ora, cientistas freqüentemente demonstram teimosia intelectual com respeito a suas teorias sobre o mundo natural. Eles podem estar completamente entregues às conclusões que alcançaram e publicaram. Quando é levantada alguma evidência ou argumento contrário às suas visões, eles defendem ou qualificam essas visões, e muitas vezes “dão de ombros” contra a refutação.³ Isso *não* é comumente tomado como uma marca que suas teorias científicas devem ser vazias de qualquer alegação significativa sobre o mundo – dessa forma, sendo cognitivamente sem sentido. É geralmente tomada como uma marca de crença profunda sobre a qual estão fortemente persuadidos (ou pelo menos pessoalmente motivados). O status lógico da crença em questão não é afetado pelo comportamento pessoal do indivíduo que propõe ou defende a crença (isto é, o grau de sua prontidão para abandonar a crença).

Visto que o cientista natural – e qualquer um que tenha fortes convicções sobre qualquer coisa – se comporta da mesma forma que o crente religioso, então a crítica de Flew da significabilidade cognitiva da linguagem religiosa seria, para sermos justos, necessariamente aplicada à linguagem da ciência natural também. O discurso científico que resiste à refutação, como freqüentemente o faz, seria consignado ao status de absurdo cognitivo. Isso não era o que Flew pretendia realizar! Na verdade, em termos de qualquer assunto, o *único* discurso “significativo”, de acordo com a linha de pensamento de Flew, seria o discurso daqueles que são hesitantes, duvidosos ou incertos de si mesmos – o que certamente é uma avaliação irracional.

O Mito do Um por Um

O comentário de Antony Flew sobre a parábola do jardineiro invisível ganha sua persuasão a partir do mito que as crenças mantidas por pessoas são aceitas ou rejeitadas contra a evidência empírica de uma forma um-por-um. Isto é, pensa-se (erroneamente) que testamos observacionalmente e avaliamos racionalmente apenas uma crença individual por vez. Supostamente, o erudito cientificamente guiado toma uma simples proposição como *isolada* de todas as outras proposições que ele afirmaria como sendo verdadeiras, e então compara a mesma com a evidência empírica disponível (embora a relevância e força de tal evidência seja independente e indiscutivelmente estabelecida de antemão).

Contudo, essa não é de forma alguma uma descrição correta da forma na qual as pessoas realmente chegam às crenças ou testam-nas contra a

³ Cf. Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*, 2nd rev. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1970 [1962]).

evidência empírica. Além do mais, de um ponto de vista conceitual, a figura de um exame um-por-um de crenças, em busca de falsificação empírica, é inteiramente artificial e impossível.

As crenças que as pessoas sustentam são sempre conectadas a *outras* crenças por relações pertencentes ao significado lingüístico, ordem lógica, dependência evidencial, explicação causal, etc. Afirmar “eu vejo uma joaninha na rosa” é afirmar e assumir um *número* de coisas simultaneamente – algumas bem óbvias (e.g., sobre o uso das palavras em português, a identidade pessoal, um evento perceptivo, categorias de besouros e flores, relações físicas), outras mais sutis (e.g., sobre a competência lingüística, entomológica e botânica da pessoa, a normalidade dos olhos e cérebro dela, teorias de refração de luz, gramática e semântica compartilhada, a realidade do mundo externo, leis da lógica, etc.).

A rede de *todas* essas crenças juntas depara-se com o tribunal de qualquer experiência empírica.⁴ Quando um conflito é detectado entre esta rede de crenças e a experiência empírica, tudo o que sabemos é que *algum tipo* de ajuste nas crenças da pessoa precisará ser feito para restaurar a ordem ou consistência. Mas não há forma de determinar de antemão *qual mudança específica* uma pessoa escolherá para eliminar o conflito dentro do seu pensamento.

Se Sam diz que viu uma joaninha na rosa, mas todos seus amigos dizem que não viram nenhuma joaninha, qual das suas crenças ele abandonará? Existem *várias* possibilidades. Talvez seus amigos não saibam a diferença entre afídeos e joaninhas. Talvez haja uma mancha em seus óculos. Talvez a iluminação esteja ruim. Talvez ele não entenda o uso da palavra portuguesa “rosa”. Talvez seus amigos estejam drogados. Talvez estejam olhando para uma rosa diferente. Talvez a joaninha voou rapidamente. Talvez ele esteja sonhando. Talvez nossos sentidos nos enganem. Talvez apenas o “puro de coração” possa ver joaninhas, e seus amigos são perversos... Existem muitas possibilidades para corrigir suposições anteriores, desde o que pareceria razoável até o que pareceria ser fanático ou extremo. O ponto é simplesmente que é ambíguo ou incerto o que a contra-evidência à consideração de Sam irá revelar como falso.

Lembre-se da história do psiquiatra que estava cuidando de um homem que acreditava ter morrido. Aconselhar ao pobre homem sobre sua neurose parecia chegar a lugar nenhum. Finalmente um dia o psiquiatra decidiu usar um teste empírico para convencer o paciente do seu erro. Ele perguntou ao homem se mortos sangram, ao que o homem disse não. Naquele instante o psiquiatra furou o dedo do homem com um alfinete e pediu para que o

⁴ “Nossas declarações sobre o mundo externo deparam-se com o tribunal da experiência sensorial, mas individualmente, mas somente como um corpo corporativo.” Isso foi observado e discutido por Willard Van Orman Quine em “Two Dogmas of Empiricism,” *From a Logical Point of View*, 2nd ed. (New York: Harper Torchbooks, 1961), p. 41.

mesmo olhasse com atenção: ele estava sangrando, de forma que não poderia estar morto. A isso o paciente respondeu que então ele estava errado: mortos *sangram* afinal de contas! O psiquiatra nessa anedota pensou equivocadamente que o dedo sangrando seria uma contra-evidência que falsificaria uma crença particular do paciente (a saber, que estava morto), quando de fato era igualmente possível falsificar uma crença correlata (a saber, que mortos não sangram).

Visto que a experiência empírica ou evidência nunca falsifica decisivamente qualquer crença particular na rede de convicções de uma pessoa, é possível (mesmo que pareça absurdo para outros) que uma pessoa possa escolher tratar *qualquer* uma de suas crenças – sobre qualquer coisa – como convicção central com relação a qual qualquer outra crença deveria primeiro se render quando uma contra-evidência é oferecida. Isto é, dado o fato que uma rede inteira de crenças, ao invés de crenças individuais isoladas, enfrenta o teste da evidência observacional, então qualquer crença *pode* ser tratada como infalsificável. Essa é uma característica de todas as crenças. A falsificabilidade não é inerentemente uma característica de alguma crença específica ou uma crença sobre qualquer assunto específico. Isso é tão verdade das crenças “religiosas” (limitadamente entendidas) como o é de crenças sobre o mundo natural.

O falsificacionista não relega a linguagem religiosa à desgraça da falta de sentido, a menos que seja ao custo de consignar *todo e qualquer* discurso à mesma desgraça. Embora possa haver algo errado ou fanático sobre a forma particular na qual um crente guarda suas convicções de refutação, esse fato não refuta a significabilidade de sua *linguagem* religiosa. Ela é simplesmente a linguagem de forte convicção e crença firmemente arraigada – a linguagem da pressuposição.

Flew também tem suas pressuposições

Todo pensador concede status preferencial a *algumas* de suas crenças e às afirmações lingüísticas que as expressam. Essas convicções religiosas são “centrais” para a sua “teia de crenças”, sendo tratadas como imunes à revisão – até que a própria rede de convicções seja alterada.⁵ Essas crenças centrais têm significado cognitivo (isto é, não são simplesmente verdades estipuladas em virtude de definições e lógica), e, todavia, resistem à falsificação empírica num grau ou outro (dependendo de quão fixa e central são no sistema).⁶ A

⁵ Isso não implica que a teoria do conhecimento é ultimamente relativista ou voluntarista. Ela aponta para a necessidade de argumentação transcendental na apologética – mostrando como as pressuposições do cristão fornecem as pré-condições de inteligibilidade (na ciência, lógica, ética, etc.) e fazendo uma crítica interna de filosofias de vida concorrentes, para demonstrar que elas não fazem isso.

⁶ Pressuposições não é o único fator no desenvolvimento do sistema de crenças de alguém. Por causa de comprometimentos secundários diferentes, influências sociais, experiências sociais, critério de racionalidade, habilidades intelectuais (etc.), duas pessoas com pressuposições compartilhadas podem, todavia, gerar “redes” de crença diferentes.

realidade da natureza e comportamento humano deveria ser reconhecido: nossos pensamentos, raciocínio e conduta são governados por convicções pressuposicionais que são questões de profunda preocupação pessoal, que estão bem longe do vazio ou trivial, e às quais eles se apegam intelectualmente e defendem “até o fim”.

Não obstante o quanto é irreligioso como pessoa, Antony Flew também tem comprometimentos fundamentais aos quais adere “religiosamente”. Ele tenta ordenar seu pensamento e viver em linha com essas pressuposições pessoais – o que significa que, quando de frente com o que parece ser contra-evidência, ele qualificará e defenderá a linguagem pela qual expressa aquelas pressuposições. Ele trata expressões sobre elas como infalsificáveis! Como indicado por John Frame, “Flew e o cristão estão no mesmo barco.” Cada um tem suas pressuposições para as quais crêem existir ampla evidência, e cada um faz mudanças extensivas dentro de seus respectivos sistemas de pensamento para proteger suas pressuposições – aqueles comprometimentos de coração e convicções que governam a vida – da refutação.

Frame ilustra isso por meio de uma paródia engenhosa que reverte o ponto da famosa parábola de Flew:

Certa vez, dois exploradores chegaram a uma clareira no meio da selva. Havia um homem ali, arrancando ervas daninhas, adubando a terra e podando os ramos das plantas. O homem se voltou para os exploradores e se apresentou como o jardineiro real. Um explorador apertou sua mão e trocou com ele algumas amenidades. O outro explorador ignorou o jardineiro e se afastou.

“Não deve haver nenhum jardineiro nesta clareira”, ele disse. “Deve ser algum truque. Alguém está tentando boicotar nossa descoberta.”

Eles armaram acampamento. Todos os dias o jardineiro chegava para cuidar do jardim. Logo todo o local estava cheio de flores lindas. O explorador cético, porém, insistia: “Ele só está fazendo isso porque nós estamos aqui – quer nos enganar, para que pensemos que aqui é o jardim real”.

Um dia, o jardineiro levou os dois ao palácio real e apresentou-os a vários oficiais que comprovaram suas credenciais. O cético, então, fez uma última tentativa: “Nossos sentidos estão nos enganando. Não existe jardineiro, nem flores, nem palácio e nem oficiais. É tudo uma farsa!”

Finalmente o explorador crédulo se desesperou: “Mas o que fica da sua afirmação original? Qual é a diferença entre uma miragem e um jardineiro real?”

Como o desafio dos positivistas lógicos, o desafio falsificacionista de Flew à significabilidade cognitiva da linguagem religiosa foi um fracasso. Ao tentar desacreditar a cosmovisão da fé cristã, ele (como os positivistas) terminou desacreditando a significabilidade de toda linguagem, incluindo a linguagem da ciência e do discurso sobre *suas próprias* convicções queridas. A auto-refutação é a refutação mais dolorosa de todas.

Assim, podemos concluir nossa resposta. A alegação de “problemas” com a significabilidade da linguagem religiosa que tem sido promovida por verificacionistas e falsificacionistas neste século revelou, sem dúvida, os preconceitos religiosos e as inconsistências dos críticos do Cristianismo.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/>⁷

⁷ Originalmente publicado na *The Biblical Worldview* (Part III-Vol. IX:5; May, 1993). Disponível no livro *Always Ready*, de Greg Bahnsen. (N. do T.)